

Jornalismo Brasileiro nas Mídias Digitais: Uma Análise sobre os Comentários dos Seguidores do Perfil Mídia Ninja e como Impactam na Cidadania

Brazilian Journalism in Digital Media: An Analysis of the Comments of the Followers of the Ninja Media Profile and how they Impact Citizenship

Thamires CONCEIÇÃO⁴⁴
Caio Mario GUIMARÃES⁴⁵
Jaqueline NEVES⁴⁶

RESUMO

O presente artigo analisa os comentários do perfil jornalístico Mídia Ninja, tendo como foco os de cunho preconceituoso e que representam discursos de ódio. O objetivo deste trabalho é investigar as razões que levam e impulsionam a atitude dos seguidores a manifestar tal comportamento e o impacto gerado na cidadania. A justificativa baseia-se no fato de o jornalismo nas mídias sociais estar em ascensão, levando à necessidade de saber lidar com as consequências trazidas por ele. A metodologia utilizada foi o estudo de caso, com a pesquisa bibliográfica como base para sua fundamentação, e a coleta de dados a partir dos comentários colhidos nas publicações. Por meio da pesquisa e do conteúdo analisado, foi possível constatar a falta de ética de alguns usuários dentro da plataforma, impulsionada principalmente pela sensação de impunidade e de anonimato.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Popular; Redes Sociais; Cidadania; Comentários; Discurso de ódio.

ABSTRACT

This article analyzes the comments of the journalistic profile Mídia Ninja, focusing on those of a prejudiced nature and that represent hate speech. The objective of this work is to investigate the reasons that lead and drive the attitude of followers to manifest such behavior and the impact generated on citizenship. The justification is based on the fact that journalism on social media is on the rise, leading to the need to know how to deal with the consequences brought by it. The methodology used was the case study, with bibliographic research as the basis for its foundation, and the collection of data from the comments collected in the publications. Through the research and the analyzed content, it was possible to verify the lack of ethics within the platform, driven mainly by the feeling of impunity and anonymity.

KEYWORDS

Popular Journalism; Social networks; Citizenship; Comments; Hate speech.

⁴⁴ Estudante do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Tiradentes (Unit), campus Farolândia. E-mail: thamires.conceicao299@gmail.com

⁴⁵ Orientador do trabalho. Professor Curso Bacharelado em Jornalismo da Universidade Tiradentes (Unit), campus Farolândia. E-mail: caio.guimaraes@souunit.com.br

⁴⁶ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Design Gráfico da Universidade Tiradentes (Unit), campus Farolândia. E-mail: jaquelineves@gmail.com

INTRODUÇÃO

Com a Revolução Tecnológica, a dinâmica do mundo mudou para se adaptar aos meios digitais. E com o jornalismo não foi diferente. Para se adequar à nova realidade, os meios sociais, que antes possuíam apenas perfis pessoais, passaram a possuir páginas e perfis jornalísticos e informativos — de forma que os indivíduos não precisassem migrar para outras plataformas digitais para estarem atualizados acerca das notícias do Brasil e do mundo. No caso do Instagram, o propósito de ser uma plataforma apenas de compartilhamento de fotos e de entretenimento foi pouco a pouco sendo substituído para se tornar uma plataforma multifuncional, que se encontra em constante processo de mudança e adaptação.

O Instagram foi desenvolvido em 2010 pelo brasileiro Mike Krieger e pelo norte-americano Kevin Systrom. A princípio, o que destacou a rede foi a funcionalidade dos filtros, uma vez que as pessoas reclamavam bastante sobre a qualidade das imagens capturadas pelos celulares daquele tempo. Hoje em dia, o Instagram é conhecido principalmente por ser uma plataforma interativa digital que possibilita o compartilhamento de imagens e vídeos de curta duração principalmente por intermédio do celular, embora também possa ser utilizado por computadores ou *notebooks*. Nele, são disponibilizadas as opções de curtir, seguir outros usuários, comentar e compartilhar stories (imagens ou vídeos que ficam visíveis pelo tempo máximo de vinte e quatro horas) e publicações. A rede também oferece outras opções de uso, como lives, stories e *boomerangs*.

Atualmente, a parcela de pessoas que usa as redes sociais para se informar tem aumentado cada vez mais, atingindo principalmente as novas gerações. Segundo o estudo “Infodemia e os impactos na vida digital”, da Kaspersky, em parceria com a empresa de pesquisa Corpa, sete em cada dez (71%) internautas brasileiros, entre 20 e 65 anos de idade, utilizaram as redes para se informar nos últimos doze meses de 2021. Além disso, 88% afirmaram utilizá-las para manterem-se informados acerca do funcionamento de serviços públicos e comerciais durante o período pandêmico.

O que, por um lado, facilitou a troca de informações e pôs à prova a criatividade e a facilidade de adaptação do jornalismo, por outro, trouxe alguns novos problemas intrínsecos às redes. Dentre eles, as expressões gratuitas de ódio, os preconceitos de todos os tipos e as injúrias puderam ser percebidas e foram o objeto principal de análise deste artigo.

O ódio crescente e a força do conservadorismo passaram a se espalhar cada vez mais nas redes sociais. Representantes dessa esfera da sociedade passaram a compartilhar suas insatisfações e indignações nesse novo espaço. O conservadorismo adquire cada vez mais importância na concretização de ações pessoais e políticas e na construção da nova sociedade (NUNES, 2015, p. 39).

Por isso, usando como metodologia o estudo de caso e tomando como base o perfil do Instagram denominado Mídia Ninja (cujo nome de usuário é @midianinja), dentre o período de 01/10/2020 até 10/10/2020, foram analisados os comentários dos seus seguidores para elucidar o motivo de serem tão nocivos para a cidadania e qual impacto causado no bem-estar social. Ao todo, foram selecionadas vinte publicações do perfil ao longo dos dez dias. Nestas, cerca de quinhentos comentários foram analisados – dentre os quais oitenta e um encaixavam-se no objeto de análise do presente artigo. Dos oitenta e um, apenas vinte e dois foram utilizados como exemplares para embasar e elucidar a tese – estes, que compartilhavam da característica de possuir teor maldoso, nocivo e preconceituoso em relação a determinado indivíduo, raça, orientação ou gênero sexual, ou que feriam a dignidade da pessoa humana.

Além da coleta de dados, também, foi utilizada a pesquisa bibliográfica como base para a complementação. A relevância deste trabalho é notada ao perceber que o uso de redes sociais tem crescido exponencialmente nos últimos anos, levando à necessidade de saber mais sobre as problemáticas que isso traz consigo e a importância de ter conhecimento acerca de como identificar e evitar tais atitudes nocivas. Entender os aspectos intrínsecos às redes é necessário para todos os indivíduos, em especial para os profissionais e alunos de Comunicação Social, justamente por se tratar de um ramo em crescimento neste mercado de trabalho: o jornalismo digital. Essa pesquisa é de fundamental importância, pois ajudará a fazer com que eles não apenas saibam identificar tais atitudes como também saibam o motivo de ocorrerem. Além disso, esse estudo é importante pois servirá como inspiração e base para a criação de futuras intervenções e estratégias que visem combater essas manifestações de ódio nos meios sociais. Por fim, a justificativa da escolha dos comentários do perfil Mídia Ninja como objeto de estudo fundamenta-se no fato dele ser um perfil jornalístico em crescimento e que representa uma das maiores páginas jornalísticas da plataforma, com mais de dois milhões de seguidores até o presente momento – sendo, portanto, bastante conhecida e por isso mais fácil de se aproximar da realidade da maioria dos brasileiros que utilizam o Instagram para se informar.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO FAZER JORNALÍSTICO: MÍDIA NINJA E O JORNALISMO POPULAR

Com o crescimento considerável dos meios digitais e a constante adesão dos indivíduos a eles, o jornalismo precisou se adaptar à nova realidade e migrar para as plataformas digitais, tornando-se cada vez mais multi e transmídia. Dentre as diversas mudanças que isso acarretou, uma das principais foi a de permitir que os usuários adotassem uma postura mais participativa nas plataformas, podendo não apenas compartilhar o conteúdo como também emitir e discutir suas opiniões com outras pessoas. Assim, os indivíduos veem reforçada a possibilidade de uma maior participação em deliberações, em um quadro interativo atual que é muito diferente daquele proporcionado pelas convencionais tecnologias de comunicação.

O rádio, a televisão e a mídia impressa apresentavam fortes características de unidireccionalidade (ESTEVEZ, 2007). Essa crescente adesão das mais variadas entidades jornalísticas às plataformas digitais, o Mídia Ninja — abreviação de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação — destacou-se por sua disparidade. Como sua sigla sugere, diferente da maioria dos perfis informativos, a sua proposta inovadora foi a de trazer um jornalismo independente, em tempo real e sem censura. Segundo Rafael Vilella, fotógrafo da época, o principal objetivo do Mídia Ninja:

[...] é ser um canal que tenha um sistema de financiamento que independa de qualquer organização política, que consiga não estar atrelado a nada, a não ter nenhuma amarra, que seja diferente dos grandes veículos. Essa independência tem muito mais um viés político e financeiro, em relação a grupos que poderiam influenciar ou delimitar um processo de comunicação. Isso não significa que a gente não acredite em algo, que não tenha organizações parceiras e movimentos que entendemos ter uma visão de mundo muito parecida com a nossa, e que nos ajudam a estruturar essa narrativa (VILELLA, 2009).

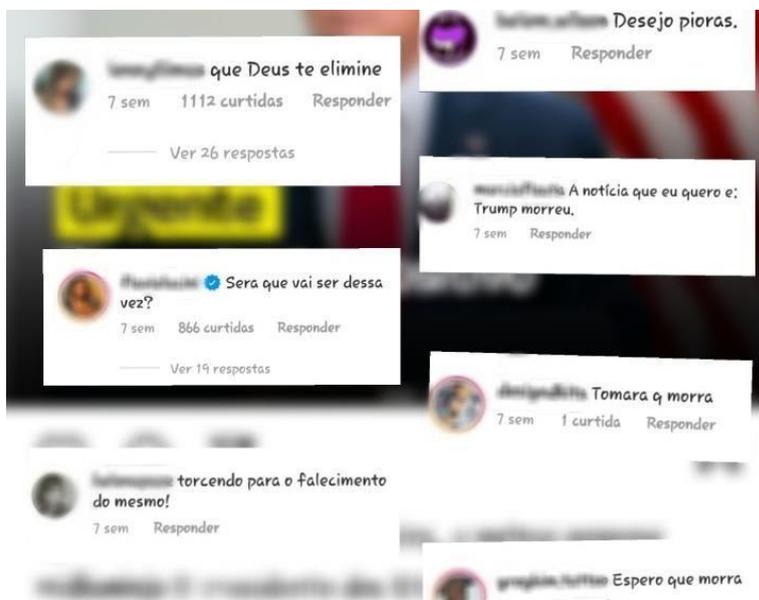
Vale frisar que a grande questão do fazer jornalístico desde muito tempo é a tentativa do alcance da imparcialidade, de tentar fazer não transparecer suas opiniões e ideais na matéria. O Mídia Ninja nada contra essa corrente justamente por se opor firmemente a essa ideia. Segundo Gagliardo (2011), a razão de um veículo tentar ser imparcial é passar a informação da forma mais sincera e verdadeira possível para seu público. Entretanto, ao minar sua parcialidade, interesses escondidos são, mesmo sem intenção, passados para os receptores. Por isso, ainda

conforme o autor, seria mais honesto com o público revelar a parcialidade sem tentar escondê-la. Assim, eles visam romper com a forma da mídia convencional ao fazer as transmissões e publicações não como meros espectadores nulos, mas sim como pessoas participantes ativamente do cenário em questão, abraçando a parcialidade.

INTERATIVIDADE NEGATIVA NOS COMENTÁRIOS E OS PREJUÍZOS À CIDADANIA

Na análise dos comentários feitos nas publicações do perfil do Instagram Mídia Ninja foi perceptível uma série de injúrias, homofobia e preconceitos de diversos tipos. A primeira, publicada no dia 02 de outubro de 2020, fala sobre o até então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Nela, constava a informação de que ele havia postado em suas redes sociais que tinha testado positivo para a Covid-19, além de um breve panorama de óbitos devido à doença. O que chamou a atenção, no entanto, não foi a informação em si, mas sim como as pessoas reagiram a ela.

Fig. 1: Comentários analisados nas publicações do Mídia Ninja.



Fonte: Instagram, 2020.

Na imagem mostrada, o discurso de ódio é bastante notável. Marco Aurelio Moura afirmou, em seu livro, ser o discurso de ódio aquele que:

[...] exprime uma ideia de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos, menosprezando-os pelo simples fato de pertencerem àquele determinado grupo, motivado por preconceitos ligados à etnia, religião, gênero, deficiência, orientação sexual, nacionalidade, naturalidade, dentre outros (2016, p. 7).

Nos comentários evidenciados, foi perceptível que os usuários permitiram que sentimentos negativos - como ódio, repúdio, nojo, raiva e hostilidade - aflorassem. Mensagens negativas que desejavam a piora ou a morte do presidente compuseram mais de 50% do total dos comentários. Segundo Freud (1921), isso ocorre porque a mentalidade das pessoas muda quando ela se vê fazendo parte de um grupo. Assim, estando em massa, o indivíduo não responde a determinadas situações da mesma forma que responderia individualmente.

E nas redes sociais, que detém potencial de viralizar e elevar a magnitude de quase qualquer evento, esse fenômeno é ainda mais observado. Outra razão que pode explicar esse acontecimento é o chamado “Efeito Lúcifer”. Michel Petrella (2017), ao explicá-lo, fala que esses transtornos de personalidade “podem gerar uma espécie de circuito de prazer compulsivo, onde o sujeito utiliza as redes sociais como forma de descarga de energia, ou, ainda, como forma de realizar fantasias perversas, que não realizariam na vida real”. Dessa forma, as pessoas utilizam, erroneamente, os comentários das plataformas midiáticas para descarregar suas frustrações e ódios, abandonando completamente a ética e o respeito aos direitos humanos. E são incentivadas pelo comportamento massivo de outras que fazem o mesmo.

Fig. 2: Comentários analisados nas publicações do Mídia Ninja.



Fonte: Instagram, 2020.

Fig. 3: Comentários analisados nas publicações do Mídia Ninja.



Fonte: Instagram, 2020.

Os comentários mostrados acima, por sua vez, deixam claro a homofobia e o preconceito. A primeira reportagem, postada na plataforma no dia 01 de outubro de 2020, fala sobre o Dia Nacional do Idoso e da Terceira Idade, homenageando-o com uma imagem de um casal homoafetivo feminino se beijando. Na segunda, realizada no dia 04 de outubro de 2020, há um vídeo de uma criança londrina chamada Bobby Ray Faulkner, dançando em um show do grupo Little Mix. Em ambas as publicações, é possível encontrar comentários ofensivos e preconceituosos. Conforme Gabriela Agostinho Pereira:

Nos sites de redes sociais, com a velocidade da circulação das informações ali presentes, estamos mais expostos ao novo, ao “diferente” e, por ser um espaço onde nos sentimos mais à vontade para manifestar nossas ideias, enunciamos discursos odiosos em relação àquilo que se considera diferente para proteger o um ponto de vista, para invalidar o outro e manter o poder. Assim, o discurso de ódio navega no bojo das oposições. Sejam elas quais forem (2018, p. 04).

Assim, a internet, que utopicamente seria o cenário perfeito para que a diversidade permitisse a troca benéfica de opiniões e conhecimento entre os indivíduos, acaba por tornar-se também um local de exposições conservadoras e combativas. Ou seja, dependendo de qual conteúdo que é produzido e consumido, os sites podem passar rapidamente de um espaço de transformação, que possibilita a visibilidade e dá voz a quem realmente precisa e não a teria fora

desse meio virtual, para um espaço reforçador de ideias hegemônicas, conservadoras e discriminatórias (AGOSTINHO, 2018).

Orkut Büyükkökten, desenvolvedor do Orkut, afirmou que “as redes sociais da atualidade dão uma brecha para o avanço de extremismos que sempre estiveram presentes, mas que agora são mais fáceis de expor” (BÜYÜKKÖKTEN, 2017). Isso acontece, em maior parte, porque trazer à tona uma discussão frente a frente com uma pessoa traz consequências que não acontecem virtualmente, por não haver a responsabilidade com a resposta e com a reação de quem foi atingido. Nas redes, a liberdade de expressão, a rapidez e facilidade de comentar e compartilhar conteúdos funcionam como gatilhos para que os indivíduos mostrem seu pior lado. Um bom exemplo são os chamados *Trolls* que, de acordo com MacKinnon e Zuckerman (2011), são os indivíduos que tentam tornar uma discussão qualquer em uma briga de ideais contrários “através de conteúdos inflamatórios e agressivos, esperando provocar uma resposta emocional. [...] o resultado é um círculo vicioso e muitas vezes mortal de reações e contrarreações”.

Fig. 4: Comentários analisados nas publicações do Mídia Ninja.



Fonte: Instagram, 2020.

Como mostrado no comentário acima, feito em uma publicação do dia 03 de outubro que tinha como intuito lembrar que as pessoas transsexuais possuem o direito de fazer a cirurgia transsexualizadora por meio do plano de saúde. A postagem, que deveria ser animadora pela

conquista de um direito, passa a ter um caráter desagradável quando o usuário causa um desconforto ao expor sua transfobia, chamando-os de “aberrações” e “sub-raça”. Outro usuário, que se identifica como transsexual, sente-se ofendido e então uma discussão é iniciada.

O primeiro usuário é um exemplo de *Troll*. Ao fazer uma análise do perfil, além de perceber que se trata de um perfil *fake*, no nome consta “conservador” escrito. Ou seja, esse perfil foi criado apenas para espalhar comentários de ódio em publicações e causar polêmica. Como nas redes sociais tudo pode tomar proporções incrivelmente altas, esses tipos de comentários são extremamente prejudiciais. Para Viegas e Recuero (2014, p. 8) “a sensação de impunidade pode acabar desencadeando a exposição de algumas opiniões preconceituosas que antes só circulavam entre grupos que aceitavam esse tipo de discurso”. Mas vale lembrar que não passa disso: uma sensação. José Vitor Lopes e Silva (2017) reforça que, mesmo cometido na internet, um crime ainda é um crime, equivalente ao cometido no meio físico.

No entanto, como são raras as vezes em que essas atitudes de fato geram consequências para quem as pratica, as leis facilmente são ignoradas e esquecidas. Além disso, filtrar comentários que disseminem o ódio ou apagá-los pode acabar sendo considerado um retrocesso e uma ameaça à liberdade de expressão. E é nesse ponto que começa a discussão entre os limites entre liberdade de expressão e discurso de ódio. A liberdade de expressão é um direito fundamental do cidadão, que deve ser ouvido por mais que suas ideias sejam controversas às da maioria — de forma que sejam respeitadas. Qualquer modo de limitá-las seria injusto por silenciar alguns, enquanto outros podem se expressar livremente (PEDROSO, 2019). Por isso, na teoria, um veículo de informação não deveria manipulá-la.

A prática, no entanto, mostra não ser possível dar liberdade irrestrita às pessoas para que possam expressar seus pensamentos e ideais. Segundo Leyser (1999, p. 49), a liberdade de opinião “embora seja um direito consagrado nos regimes burocráticos, não pode ser agente de perturbação ou destruição social, como, por exemplo, em nosso país, é interdita a manifestação de preconceito racial”. Significa dizer que a partir do momento em que ultrapassa o limite do respeito pelos outros, o direito de expressão perde seu sentido e passa a ser considerado um discurso de ódio — pois não possui preferência incondicional e é passível de continência. Desse modo, essas ações apresentam um impacto direto na cidadania, que é um conjunto de normas e padrões sociais a serem seguidos pelas pessoas para garantir seu bem-estar e o da coletividade em geral. Dessa forma, a cidadania não é algo natural e sim criado para e pelos os seres humanos,

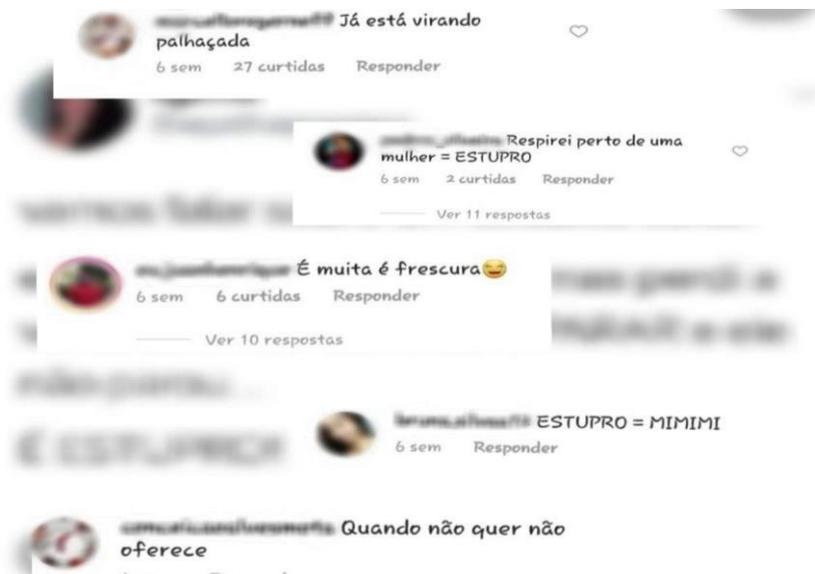
que “[...] envolve modos de identificação intersubjetiva entre as pessoas e sentimentos de pertencimento criados coletivamente em inúmeras mobilizações, confrontos e negociações cotidianas, práticas e simbólicas [...]” (BOTELHO; SCHWARCZ, 2012, p. 11).

Tendo como ponto de partida a sociedade globalizada, esse conjunto de normas teve que se adaptar de forma a ser incluído no meio digital. Ou seja, mesmo na internet as pessoas têm direitos e deveres, e ser cidadão está relacionado ao reconhecimento dos direitos de todos. Em vista de todos os fatos anteriormente expostos, concluiu-se que essas atitudes disseminantes de ódio apresentam fortes impactos na cidadania. O mais perceptível deles é a banalização de assuntos sérios. O crescente uso das redes no que se refere ao recebimento de informações, por um lado, contribuiu para a democratização do conhecimento e para a maior visibilidade de assuntos importantes que antes não eram tão comentados ou conhecidos. Movimentos igualitários, como a luta pelo racismo ou contra a cultura do estupro, ganharam uma adesão nunca antes vista. No caso do Instagram, a maioria dos perfis jornalísticos abordaram bastante esses temas.

A questão, porém, é que o excesso de informações que falavam sobre eles gerou um certo cansaço naqueles que não veem a importância desses assuntos estarem em pauta. Assim, os comentários feitos por essas pessoas colaboram com a banalização de assuntos graves e sérios que merecem a devida atenção. Um bom exemplo dessa banalização são os indivíduos que chamam as pessoas nascidas entre a segunda metade da década de 1990 e o início dos anos 2000 de “Geração Mimimi”.

Isso acontece porque, hoje em dia, os jovens se unem e demonstram indignação contra uma causa principalmente por meio das redes sociais. Questionam muito mais certas atitudes, mesmo não sendo uma realidade própria de quem as discute, e utilizam-se em maior parte das plataformas digitais para expor esses questionamentos, a fim de provocar mudanças na vida das minorias e romper preceitos antigos que estão ultrapassados. Por causa desse ativismo, muitas pessoas os rotulam como cansativos e desagradáveis, e assim surgiu o “mimimi” — uma conotação pejorativa que pode tanto representar uma pessoa que reclama muito quanto uma onomatopeia para o ato de chorar. Muitas pessoas julgam como “mimimi” assuntos que são sérios e que deveriam ter a devida atenção. As reportagens das quais os comentários foram retirados — a primeira realizada no dia 02 e a segunda no dia 07 de outubro — falam sobre a

Fig. 6: Comentários analisados nas publicações do Mídia Ninja.



Fonte: Instagram, 2020.

O jornalista Juan Arias, em sua releitura do significado da Banalidade do Mal, criado por Hannah Arendt, descreveu-o como:

[...] o perigo, como ocorreu durante o nazismo, de que as pessoas comuns acabem vendo o mal como algo normal, como algo que realizamos por dever ou por simples seguimento de uma ideologia fanática. É a obediência às ordens do tirano, sem medir as suas consequências. O mecanismo que transforma em normal e burocrático os massacres e holocaustos (ARIAS, 2017).

Não incomumente, as pessoas já abrem a aba de comentários esperando ou até mesmo procurando comentários maldosos e de intolerância — vendo esse mal como algo normal e rotineiro, tal como exemplificado pelo conceito de Banalidade criado por Hannah.

De janeiro a dezembro de 2020, o número de denúncias anônimas de crimes cometidos pela internet aumentou mais que o dobro. Foram 156.692 denúncias anônimas em 2020, contra 75.428 em 2019. Estes dados levam em consideração as notificações recebidas pela Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, uma parceria da ONG Safernet Brasil com o Ministério Público Federal (MPF). Estes dados representam apenas o quantitativo das pessoas que denunciaram, mas não dizem respeito ao todo, uma vez que muitas vítimas de crimes

cibernéticos não denunciam.

[...] as práticas dos crimes cibernéticos estão se tornando muito comuns, em razão de uma falsa sensação de impunidade que se tem, no qual os indivíduos que realizam transgressões da lei possuem uma ilusão de que o ato, por se consumir a longa distância e de que os instrumentos utilizados para as práticas do ilícito não fornecerem identidade (CRUZ, RODRIGUES, 2018, p. 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se neste artigo elucidar as razões que levam os usuários do perfil Mídia Ninja a manifestarem atitudes danosas à sociedade e descobrir o impacto destas para a cidadania. Para satisfazer esse objetivo foram analisados os comentários dispostos nas publicações da página dentre o período pré-estabelecido. O resultado obtido mostrou que os maiores impulsionadores dessas ações são as possíveis sensações de anonimato e de impunidade que a internet proporciona, deixando-os livres para comentar qualquer coisa que queiram sem pensar nas consequências provocadas nos afetados. Sob uma fachada de liberdade de expressão, esses usuários utilizam as redes sociais como forma de aliviar o estresse do dia a dia e disseminar seus preconceitos e estereótipos, disseminando o ódio em um espaço que poderia ser destinado à troca de saberes e opiniões que respeitassem os direitos de todos. Dessa forma, foram observados, como principais impactos para a cidadania, a banalização de assuntos sérios e a normalização de ações discriminatórias que representam manifestações de ódio.

Por fim, vale lembrar que este trabalho se baseou em uma análise de apenas dez dias e que, mesmo assim, conseguiu uma quantia considerável de comentários danosos – o que leva à conclusão de que existem muitos mais espalhados em outras publicações, não apenas em páginas da referida plataforma, como em muitas outras da rede.

Esta constatação mostra a banalização de assuntos sérios como um forte impacto desses comentários na cidadania uma vez que insultos, agressões verbais ou difamações representam manifestações contrárias às questões cidadãs e traduzem-se em lacerações nos direitos e deveres garantidos pela cidadania. Sabe-se que a internet é uma das mais desenvolvidas tecnologias, e que ela permite ao indivíduo desenvolver-se sobre as mais diversas áreas de maneira aprofundada. Embora tão abrangente em possibilidades positivas, a perda de privacidade e a falta de segurança da rede são problemas enfrentados não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro.

Assim, espera-se que esse artigo sirva de inspiração para a realização de pesquisas futuras que analisem e cheguem a outras conclusões, de forma a tentar resolver a problemática dos discursos de ódio. Afinal, com a crescente ascensão do jornalismo nas mídias digitais, nunca foi tão necessário saber mais acerca desse tema.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Gabriela. **Discurso de Ódio em Sites de Redes Sociais: Consequências Éticas para o Reconhecimento do Outro**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 7., 2018, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ESPM, 2018. Disponível em: [http://anais-comunicon.espm.br/GTs/GTPOS/GT4/GT04_PEREIRA\(2\).pdf](http://anais-comunicon.espm.br/GTs/GTPOS/GT4/GT04_PEREIRA(2).pdf). Acesso em: 20 nov. 2020.
- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- AURELIO, Marco. **O discurso do ódio em redes sociais**. Lura Editorial: 2016.
- BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Estudos Feministas**, Brasília, Ano 10, p. 119-141, jan./jul. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- BIROLI, Flávia. FELIPE, Luis. A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. **Revista brasileira de Ciências sociais**, São Paulo, v. 25, n. 73, 2010.
- CAPERUTO, Ada. Mídia Ninja: um novo momento do jornalismo. Entrevista com Rafael Vilella. **Justiça e Cidadania**, 2013. Disponível em: <https://www.editorajc.com.br/midia-ninja-momento-jornalismo/>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- CRUZ, Diego; RODRIGUES, Juliana. Crimes cibernéticos e a falsa sensação de impunidade. **Revista científica eletrônica do curso de direito**, Garça, 13. ed, jan./jul. 2018. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/iegWxiOtVJB1t5C_2019-2-28-16-36-0.pdf. Acesso em: 9 nov. 2022.
- FREIRE, Alex. Jornalismo Mediador Produtor de Conhecimentos. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 17., 2016, Curitiba. **Anais** [...] São Paulo: Intercom, 2016.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análises do eu**. Áustria: L&PM, 1921.
- NUNES, Gislaíne Silveira. Disseminação de ódio nas redes sociais. **Repositório Digital Lume**, Porto Alegre, 24 nov. 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/135420>. Acesso em: 3 out. 2020.
- O QUE gera a onda de comentários de ódio nas redes sociais? **NSC Total**, 2017. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/o-que-gera-a-onda-de-comentarios-de-odio-nas-redes-sociais>. Acesso em: 3 out. 2020.
- PEDROSO, Franciele. **O papel da mídia na disseminação de discursos de ódio: uma análise da interatividade dos leitores no portal G1**. 2019. 88 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019.
- VIEGAS, Paula Rickes. RECUERO, Raquel. A dominação masculina nos sites de rede social. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 15., 2014, Palhoça. **Anais**

[...]. São Paulo: Intercom, 2014.